



A UTILIZAÇÃO DO YAHOO!RESPOSTAS COMO FERRAMENTA INTERATIVA E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE DO INDIVÍDUO

ISTOE, Carolina Crespo

*Estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense
carolcistoe@yahoo.com.br*

MORGADES, Rachel Ferreira Klem de Mattos

*Estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense
rachelklem@yahoo.com.br*

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de

*Professor do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense
chmsouza@gmail.com*

98

Resumo: Pesquisas apontam que, com a crescente popularização dos aparelhos de acesso à internet e o surgimento de vários sites de perguntas e respostas resulta em uma preocupação dos profissionais de saúde quanto à qualidade das informações que estão chegando aos usuários. Partindo do princípio que, após a informação ser lançada na rede, sendo ela legítima ou não, acredita-se não ter mais controle sobre ela. O objetivo deste estudo é analisar os tipos de informações buscadas no Yahoo!Respostas como uma ferramenta interativa e de que forma influencia a saúde do indivíduo. Para atingir o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa transversal nos bancos de dados do Yahoo!Respostas totalizando 265 perguntas da seção saúde no subgrupo alergia com caráter qualitativo e descritivo. Como parte dos resultados, observou-se que, 38,87% (103) das perguntas eram relacionadas à exposição de algum/alguns sintomas solicitando possível diagnóstico precoce. Em alguns casos observou-se ainda o envio de fotos da localização corporal do indivíduo acometidos por tal enfermidade.

Palavra- Chaves: Saúde, Yahoo!Respostas, internet.

Abstract: Researches indicate that the increasing popularity of devices to access the Internet and the rise of several question and answer sites resulting in a health professionals preoccupation about the quality of the information that users are receiving. Assuming it, after the information is posted on the net, being legitimate or not, it is believed to haven't any control over it. The aim of this study is to analyze kinds of information sought in Yahoo! Answers as an interactive tool and how it influences an individual's health. To reach the objective proposed it was carried out a cross-sectional survey in Yahoo! Answers databases totaling 265 questions in health session, the subgroup allergy qualitative and descriptive disposition. As part of the results, it was found that 38.87% (103) questions about exposure of any / some symptoms and requesting early diagnosis. In some cases it was observed even pictures of body location affected by this illness.

Key words: Health, Yahoo! Answers, Internet.



INTRODUÇÃO

Percebe-se no século XXI um mundo de intensas transformações com a chegada da internet e outras tecnologias da informação e comunicação. Nesse sentido, as tecnologias estão sendo cada vez mais utilizadas, oferecendo ao homem os recursos necessários para fazer compras sem sair de casa, conhecer várias pessoas de países e continentes diferentes, trocar informações pertinentes a seus interesses, enfim, um grande número de possibilidades.

A filosofia e a prática do modelo político econômico e social, na sociedade capitalista em que vivemos nos levam a um consumismo excessivo e a área de saúde não fica de fora desta tendência. A indústria farmacêutica muitas vezes sob a máscara de um propósito ético ou social de melhorar a informação e conhecimento da população sobre as doenças e os medicamentos influencia o comportamento da automedicação de muitas pessoas. Percebemos que a internet, ao disponibilizar essas informações livremente, pode influenciar consumo inadequado ou equivocado dos fármacos. Interessa para tal indústria o maior número de doenças e consequentemente o máximo de tratamentos, ou seja, medicalização.

Os medicamentos assumem um papel que atende ao interesse capitalista, do médico e do paciente ao mesmo tempo da indústria farmacêutica.

OS PRIMEIROS CONCEITOS

Os medicamentos possuem um status também simbólico sobre a população. Ele pode ser visto como um símbolo ou um signo, composto de uma realidade material (significante), que remete a um conceito (significado) que é a saúde. Sendo assim, ele desempenha um papel proeminente dentro da consulta médica, ademais de fazer uma espécie de economia, poupando trabalho político e pessoal necessário para a obtenção da saúde (PESSOA & CARTÁGENES, 2010).

Acredita-se que hoje inúmeros medicamentos novos são disponibilizados no mercado, provocando o que pode ser chamado de explosão de informação, que nem sempre é imparcial e de boa qualidade (VIDOTTI et al., 2000). Pode-se observar que, esse enorme volume de dados não é disposto de forma ágil e eficiente à todos os profissionais de saúde, que acabam por ficar desatualizados rapidamente e ficam disponibilizadas na rede com livre acesso a qualquer



peessoa, independente da sua área de atuação profissional (VIDOTTI et al., 2000; ZIMMERMANN, 2007). Um grande desafio do mundo moderno consiste em separar informações atualizadas das desatualizadas, confiáveis das não confiáveis (ZIMMERMANN, 2007). As palavras, seduzem, iludem, convencem e fascinam. Elas são capazes de mudar comportamentos e, quando são associadas a imagens, são capazes de criar necessidades e gerar desejos (ANVISA, 2008).

Pesquisas apontam que, o consumo de medicamentos sem prescrição médica é uma prática frequente na população brasileira. Segundo Rozenfeld (2003) o Brasil faz parte dos dez maiores mercados consumidores de medicamentos no mundo. A análise per capita mostra um gasto de 13 dólares/pessoa/ano, distribuídos de maneira desigual.

A automedicação envolve as várias maneiras pelas quais o indivíduo ou o responsável por ele decide, sem avaliação médica, qual medicamento usar e como ele será utilizado (PEREIRA, 2007). Para a Organização Mundial de Saúde – OMS - a automedicação é responsável por parte das ações de autocuidado, e quando feita de forma correta trás benefícios para a saúde do paciente (SOUZA, 2008; ORUETA et al., 2007). Pode ser tanto para alívio imediato ou para fins curativos. Há o compartilhamento de remédios entre outros membros da família ou comunidade, usando informações feitas para um paciente em algum momento anterior, a utilização de sobras de prescrições antigas, por vezes há a interrupção ou o prolongamento do tratamento (PEREIRA, 2007). Segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA) foi estimado que aproximadamente 80 milhões de pessoas no Brasil eram adeptas da automedicação na década de 90 (SOUZA, 2008).

Problemas Relacionados a Medicamentos (PRMs) são entendidos como problemas de saúde advindos da farmacoterapia, podendo ter origem na utilização de medicamentos, em fatores biopsicossomáticos, no atendimento prestado por profissionais de saúde, interferindo nos resultados terapêuticos e na qualidade de vida do paciente. Como fator de risco para os PRMs, podemos citar a automedicação. Estudos apontam que, no ano de 2001, cerca de 80 milhões de pessoas praticaram a automedicação e cerca de 20 mil morrem por ano devido a essa prática. Dados brasileiros dão conta que os medicamentos são responsáveis por 28% dos casos de intoxicação humana e responsáveis por 6,6% do total de admissões hospitalares (BORTOLON et al., 2007).



A consequência da automedicação pode ser desde o mascaramento dos sintomas de enfermidades em evolução, até o surgimento de doenças iatrogênicas e resistência microbiana aos antibióticos, riscos de abuso e dependência (SOUZA, 2008; ORUETA et al., 2007). Porém, também podemos discutir alguns possíveis benefícios da automedicação, como a redução dos atendimentos médicos desnecessários, o que é particularmente importante para o Brasil por ser um país em desenvolvimento. Em países já desenvolvidos, a prática da automedicação vem sendo utilizada de forma experimental por meio de programas institucionais que tem como objetivo fornecer maior autonomia ao paciente (SOUZA, 2008). Nesses países, há também o rígido controle estabelecido pelas agencias reguladoras e o crescente envolvimento dos farmacêuticos com a correta orientação dos usuários, diminuem a problemática prática da automedicação (ARRAIS et al., 1997).

No Brasil, onde a grande maioria dos habitantes possui baixa escolaridade, e pouco acesso às informações relativas ao uso correto de medicamentos, a prática de se automedicar fica ainda mais grave (SOUZA, 2008). A má qualidade da oferta de medicamentos, a carência de informação e instrução para a população em geral e o não cumprimento da obrigatoriedade da apresentação da receita médica, justificam a preocupação com a qualidade da automedicação praticada no país (ARRAIS et al., 1997). Em um estudo realizado por Pereira (2007) observou-se a prevalência do uso de analgésicos/antipiréticos e antiinflamatórios não hormonais em crianças e adolescentes que se automedicaram. Isso é um indicativo que a automedicação está associada ao tratamento sintomático da dor. Pode-se observar também que a automedicação nessa população independeu do nível socioeconômico.

A EVOLUÇÃO DA INTERNET

A guerra fria, que uniu de um lado os países capitalistas, sob liderança dos Estados Unidos, e de outro lado os países socialistas, liderados pela União Soviética – URSS – marcou o início de pesados investimentos na engenharia, física e eletrônica. Felizmente, a guerra nuclear temida por toda humanidade não foi o desfecho final desse conflito. Em 1989 o muro de Berlim caiu e em 1991 houve a dissolução da URSS. A partir desse momento, houve uma relocação dos recursos. Antes eram feitos investimentos pesados em físicos, engenheiros,



inventores voltados para a indústria bélica. Esses recursos continuaram a ser investidos nesses mesmos profissionais, porém com outros objetivos, tais como, empreendedorismo, comunicação e progresso tecnológico (BRUM, 2009).

O ENIAC foi o primeiro computador de uso geral. Ele foi criado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts – MIT – e apresentado ao público em geral em 1946 (LEVY, 1999). Ele pesava cerca de 30 toneladas, pois era construído com estruturas metálicas, ocupava uma área equivalente a um ginásio esportivo, e era capaz de realizar operações complexas. Por consumir uma grande quantidade de energia elétrica, durante um longo tempo, os computadores eram máquinas bem caras, além de ocupar bastante espaço. Por esses motivos, seu acesso era restrito apenas para um grupo limitado de profissionais. Esse cenário mudou completamente a partir da década de 70 (BRUM, 2009).

Segundo Souza (2004) e Castells (2005), a internet surgiu em 1969 e foi criada pelo Departamento de defesa dos Estados Unidos. Este estava preocupado com a Guerra Fria e estava em busca de uma forma de compartilhar informações sigilosas, visando à proteção contra os soviéticos do seu sistema de comunicação, se ocorresse uma possível guerra nuclear. Em vista disso, foi criada uma rede eletrônica, a ARPANET, com a finalidade de transferir de forma rápida uma grande quantidade de dados de um computador para outro.

A microinformática surge na década de 70, com o estabelecimento do Personal Computer – PC – e a convergência tecnológica. Nas décadas de 80 e 90, houve a popularização da internet e a transformação do PC em um computador coletivo – CC. Nesse período, a rede é o computador e o computador é uma máquina de conexão (LEMOS, 2004). Na década de 90, grandes pensadores passaram a perceber que a humanidade estava deixando o mundo da civilização pós-industrial e começando a ingressar numa nova era, que começou a ser chamada de “Sociedade do Conhecimento” (BRUM, 2009).

Vários fatores contribuíram para a popularização da internet, dentre eles, podemos citar a criação da World Wide Web, em 1992, que facilitou o acesso ao conteúdo eletrônico pelos usuários. Vale citar também que a criação do e-mail (correio eletrônico), permitindo a troca de mensagens entre usuários que também possuam esse serviço, não importando a localização ou distância que estejam. Por causa do aumento da facilidade do acesso à internet, o número de usuários vem aumentando consideravelmente nos últimos anos, não só no Brasil, como em todo o mundo (SILVA et al. 2005).



Segundo dados do IBOPE, o número de usuários com mais de 16 anos com acesso à internet em qualquer ambiente passou de 35,3 milhões em 2006 para 94,2 milhões no primeiro trimestre de 2012. Segundo o PNAD, em 2012 havia no Brasil 83 milhões de pessoas com 10 anos ou mais que eram usuárias de internet. Esse número correspondia a 46,5% da população com 10 anos ou mais.

A partir de 2009, o IBOPE Nielsen Online começou a divulgar a quantidade de usuários com acesso à internet na sua residência e no local de trabalho. Em 2009 havia 36.577 usuários ativos e 46.804 pessoas com acesso à internet. Esse número pulou em 2010 para 43.313 e 54.532, respectivamente. Observa-se um salto quando analisamos os dados somente do mês de outubro de 2013, onde o número de usuários ativos passa a ser de 46.700 e 76.600 pessoas com acesso à internet.

Observa-se que a internet se tornou a base de uma rede de comunicação composta de milhares de redes de computadores usadas por indivíduos e grupos do mundo inteiro, com todos os tipos de objetivos, bem diferentes daqueles da Guerra Fria. Ela foi preliminarmente desenvolvida com fins militares, hoje é a maior rede de computadores do mundo, desempenhando importantes mudanças na comunidade de pesquisa e desenvolvimento (SOUZA, 2004).

Cada dia surge novas tecnologias, denominadas nômades, que são representados pelos smartphones, notebooks, laptops, palmtops, cuja ênfase é a mobilidade tecnológica. Neste século, contamos com computadores coletivos móveis – CCm -, o que agiliza o acesso as informações (LEMOS, 2004).

A internet é um meio de comunicação que concede serviços e informações sob várias formas, tais como, som, vídeo, gráficos e textos, e é diferentemente das outras fontes, é um meio aberto, global e público. O grande volume de dados disponibilizados e a facilidade do acesso, que foram fatores que tornaram esse meio popular, não permite qualquer tipo de controle editorial. Os dados expostos muitas vezes não são baseados em evidências, e isto torna difícil a avaliação por parte do usuário da qualidade das informações disponibilizadas (SILBERG et al., 1997 apud PESSOA & CARTÁGENES, 2010).

Sendo assim, analisar as informações presentes no meio virtual sobre a qualidade das informações disponibilizadas sobre medicamentos, pode auxiliar na compreensão do perfil dos



usuários, as principais fontes de obtenção da informação e as praticas mais comuns adotadas por eles (PESSOA & CARTÁGENES, 2010).

A empresa Yahoo começou como hobby de estudantes candidatos a Ph.D. em Engenharia Elétrica da Universidade de Stanford e se tornou uma marca global que tem transformado a maneira como as pessoas se comunicam uns com os outros, acessam e encontram informações e compram coisas. Seus fundadores, David Filo e Jerry Yang, abriram o que inicialmente seria uma espécie de guia para informações espalhadas na recente web em um trailer no campus da universidade em fevereiro de 1994 como uma forma de manter o controle de seus próprios interesses na Internet.

Em pouco tempo observou-se que eles gastavam mais tempo em suas listas caseiras de links favoritos do que em suas teses de doutorado. Casualmente, na hora em que suas listas se tornaram muito extensa e complicada, eles resolveram dividi-las em grupos. Quando os grupos se tornaram muito longos, eles os separaram em subgrupos. Nesse contexto surgiu a ideia central por trás Yahoo!. Atualmente, segundo dados do próprio site, o Yahoo! Inc. é uma empresa líder de comunicações globais via internet, comércio e empresa de mídia que proporciona uma rede global de marcas de serviços para mais de 345 milhões de pessoas por mês em todo o mundo.

Sendo o primeiro guia online de navegação na Web, www.yahoo.com é um dos principais guias em termos de tráfego, disponibilizando vários serviços como o portal que hospeda uma vasta quantidade de conteúdo de áudio e vídeo em *streaming*, hospedagem de lojas virtuais e serviços de gestão, incluindo ferramentas de sites e serviços. A rede da empresa Web global inclui 25 propriedades mundiais. Com sede em Sunnyvale, Califórnia, o Yahoo tem escritórios na Europa, Ásia, América Latina, Austrália, Canadá e Estados Unidos (YAHOO, 2014).

Foi divulgado em Junho de 2010 no "*Ad Planner Top 1000 Sites*", grupo que registra os sites mais acessados do mundo, por meio do mecanismo de busca do Google que o Yahoo! Foi o 2º site com mais acessos, com cerca de 490 milhões de visitas e um alcance global de 32% registrados no mês de abril, ficando a sua frente apenas o site de relacionamentos Facebook.



METODOLOGIA

Foi realizado um estudo descritivo e transversal, acessando o banco de dados do site Yahoo Resposta (<https://br.answers.yahoo.com/>) totalizando 265 perguntas da seção saúde no subgrupo alergia em um período de três meses (maio, junho e julho) do ano de 2014, período este, de tempo máximo das informações disponíveis para acesso dos usuários da seção. As perguntas analisadas pertenciam ao subgrupo “Alergia” e este foi escolhido devido ao fato dos medicamentos desta categoria ser, em sua maioria, de venda livre, não havendo a necessidade da apresentação de receita médica para a sua compra. Nesta, foram agrupadas de acordo com o conteúdo em cinco categorias diferentes, que são: 1) perguntas onde havia a exposição dos sintomas em busca de algum diagnóstico; 2) as dúvidas sobre efeito colateral de algum medicamento; 3) os pedidos de indicação de algum medicamento/tratamento; 4) as dúvidas sobre como tomar ou aplicar algum medicamento (posologia) e 5) a categoria outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo GARBIN, 2008, o acesso mais facilitado a informações juntamente com o aumento do nível educacional da população, tem feito com que um novo perfil de pacientes se destaque no cenário mundial. Um paciente que busca por informações sobre seu estado de saúde, sobre sintomas, tratamentos, custos de internações, doenças e medicamentos, eles são conhecidos como pacientes experts.

Das 265 perguntas analisadas, observou-se que 38,87% (103) eram relacionadas à exposição de algum/alguns sintomas e pedindo algum diagnóstico. Em alguns casos pode-se observar ainda o envio de fotos dos locais acometidos por alguma enfermidade.

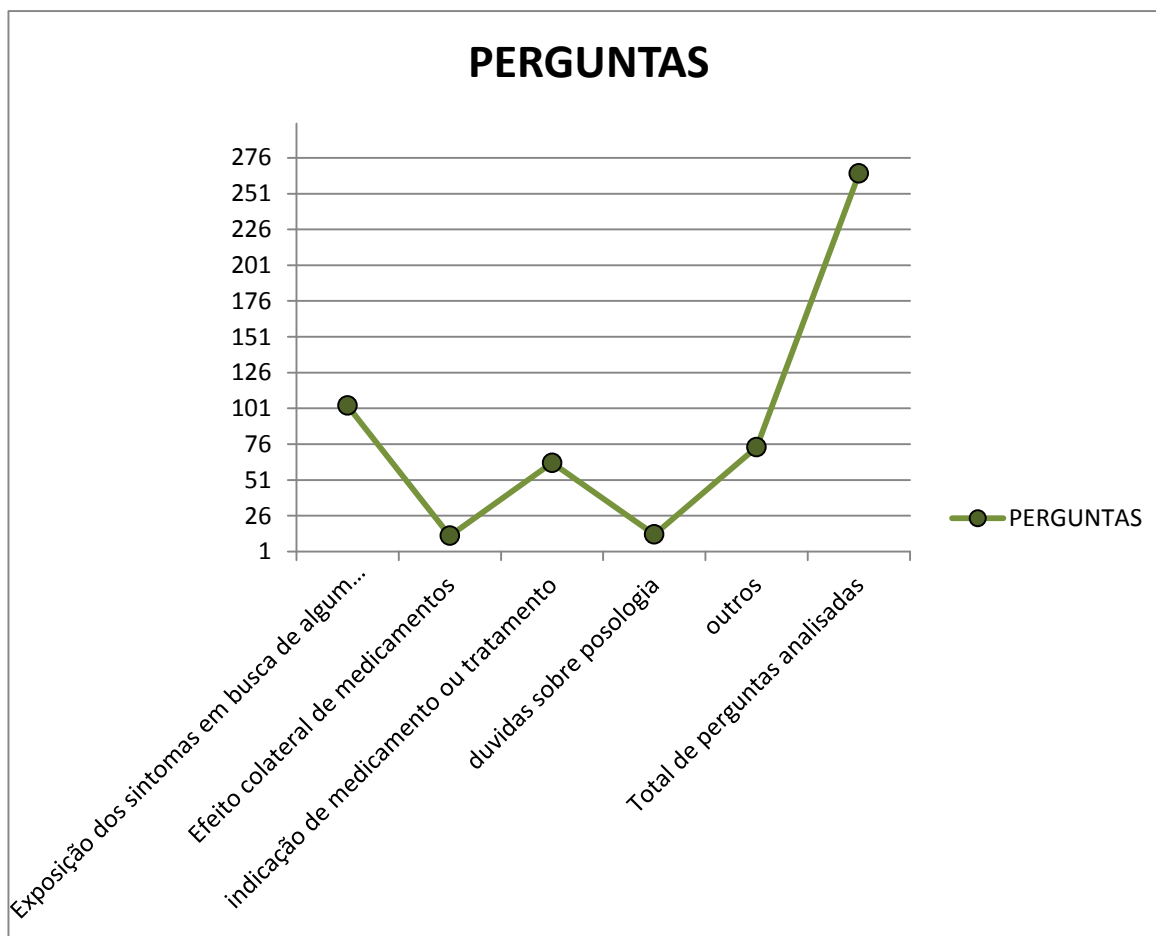
As perguntas sobre efeito colateral de algum medicamento totalizaram-se em 4,5% (12) do total analisado. Acredita-se ser necessário que a população seja corretamente informada sobre o risco de usar um medicamento sem prescrição médica, devido a consequência que o uso desse produto pode gerar. Para que uma maior parte dos usuários tenha a compreensão das informações dispostas, é necessário que a linguagem usada seja de fácil entendimento sendo assim, a maioria da população será atingida (PESSOA & CARTÁGENES, 2010).



As perguntas que pediam indicação de algum medicamento ou mesmo de tratamento eram 23,77% (63) do total em questão. A divulgação de tratamentos não autorizados pelo Conselho Federal de Medicina, tais como fitoterapia, acupuntura, kits ortomoleculares entre outros, fazem com que o sujeito busque por tratamentos que muitas vezes são ineficazes, além de trazerem o dano adicional de complicações de saúde e prejuízo monetário (SILVA et al., 2005).

Segundo Pessoa e Cartágenes (2010) a internet se apresenta como fonte de informações, tanto de conscientização dos riscos, como também de estímulos a prática da automedicação dos usuários. Faz-se necessário ter cautela no tocante ao controle de tais informações, visto que elas estão disponibilizadas a todos o que pode acarretar riscos com o uso inadequado de medicamentos.

As interrogações sobre posologia de medicamentos totalizaram 4,9% (13) do total. Os medicamentos usados sem a orientação de um profissional especializado podem ser administrados em excesso ou em dosagens menores do que a necessária para se obter algum efeito farmacológico, sendo que em ambos os casos apresentam-se prejudiciais para a resposta farmacológica esperada. De acordo com o Ministério da Saúde, erros relacionados ao uso inapropriado de medicamentos podem incluir a sobredose, que pode se manifestar com toxicidade e até ser fatal ou acarretar a farmacodependência, e também o uso em dosagens subterapêuticas, que podem ter como consequência o agravamento da situação de saúde devido a falta da resposta farmacológica esperada, resistência à antimicrobianos, causando o prolongamento no tempo do tratamento acarretando elevação de custos e riscos de infecções maiores (BRASIL, 2012).



Ao observar a estética do site, analisando a disposição das perguntas e das respostas, podemos observar que sempre havia a indicação de estabelecimentos de venda de medicamentos, a exposição de números de telefone de profissionais médicos, e até mesmo a indicação de tratamentos ditos “naturais” no espaço destinado a separar as perguntas das respectivas respostas. Segundo Silva (2005) o anúncio de consultórios ou a propaganda de determinados tratamentos contidos em textos informativos ao público em geral, podem induzir o usuário a buscar por tais serviços, sem que ele tenha tido acesso a uma informação imparcial para que tire suas próprias conclusões sobre o tema procurado. Quadro que acaba, possivelmente, induzindo o usuário a buscar por esses profissionais e tratamentos.

Ainda segundo a pesquisa realizada por Silva (2005) observou-se que a maioria dos sites que continham informação sobre o tema de saúde “rinite alérgica”, não possuíam referências bibliográficas, o que não traz respaldo científico quanto a origem e veracidade das informações. Isso também não foi observado na pesquisa feito no site Yahoo!Respostas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Silva (2005) devido à facilidade de obtenção de informações disponibilizadas pela rede, seja por meio de provedores de acesso gratuito ou pela existência de locais públicos de acesso ao ciberespaço, podemos notar que o público leigo tem facilidade de receber e obter orientações sobre prevenção, tratamento e diagnóstico de doenças, o que, se forem de curo científico, podem colaborar positivamente para o tratamento feito junto ao profissional médico. Mas de forma alguma, pode-se substituir o profissional responsável em se fazer o diagnóstico por essas informações.

Vale ressaltar também que alguns sites, comunidades e pessoas podem ser simplesmente veículos de empresas comerciais que somente estão interessadas em divulgar seus medicamentos, tratamentos e serviços.

As informações sobre doença e saúde que estão acessíveis na internet, muitas vezes são incompletas, incorretas, contraditórias e até mesmo fraudulentas. Sendo assim, o usuário que não é um profissional de saúde e que não tem acesso a livros e banco de dados confiáveis, tem dificuldade em diferenciar o que é certo do errado, o ultrapassado do inédito.

Diante dos dados dispostos acima, dos conteúdos analisados e até mesmo da estética do site, podemos concluir que esse tipo de site acaba levando os usuários a começar tratamentos não adequados para sua patologia, visto que não são tratamentos indicados por profissionais habilitados para dar o diagnóstico clínico.

Devemos levar em consideração também a possibilidade de mascaramentos dos sintomas causando o agravamento da saúde do paciente, e o custo adicional tanto para o usuário quanto para a saúde pública, já que há a possibilidade de atendimento médico de urgência e emergência. Causando uma situação que muitas vezes poderia ter sido evitada se o diagnóstico correto fosse feito e o tratamento adequado aplicado.

REFERÊNCIAS

- ANVISA. Disponível em <www.anvisa.gov.br> acessado em 20 de Julho de 2012.
- ARRAIS, P. S. D.; COELHO, H. L. L.; BATISTA, M. C. D. S.; CARVALHO, M. L.; RIGHI, R. E.; ARNAU, J. M.; *Perfil da automedicação no Brasil*. Revista de Saúde Pública, vol. 31, nº1, pp. 71-77. Brasil, 1997.



- BORTOLON, P. C.; MEDEIROS, E. F. F. de; NAVES, J. O. S.; KARNIKOWSKI, M. G. de O.; NÓBREGA, O. de T.; *Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras*. Ciência e Saúde Coletiva, vol. 13, nº04, pp. 1219-1226. Brasil, 2008.
- BRUM, L. C. C.; *Normose na sociedade em rede: paradoxo diante do fluxo informacional*. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes, 2009.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e Cultura*. v.1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- Disponível em < <http://archive.todaydocs.yahoo.com/info/misc/history.html>>. Acessado em 16 de Julho de 2014;
- Disponível em < www.teleco.com.br/internet.asp. >. Acessado em 30 de julho de 2014.
- Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/09/medicos-alertam-para-o-cuidado-no-diagnostico-de-doencas-psicologicas.html>>. Acessado em 31 de Julho de 2014.
- GARBIN, H. B. da R.; NETO, A. de F. P.; GUILAM, M. C. R.; *A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica*. Interface – Comunicação, Saúde, Educação. v.12, n. 26, pp. 579-88. Jul/Set, 2008.
- LEMOS, A. *Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão*. 2004.
- LÉVY, P.. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. 1º edição, São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/uso_racional_medicamentos_temas_selecionados.pdf>. Acessado em 31 de julho de 2014.
- ORUETA, R.; GÓMEZ-CALCERRADA, R. M.; SÁNCHEZ, A.; *Actualizacion en medicina de familia*. SEMERGEN, v. 34, nº3, pp.133-137. Toledo, 2007.
- PEREIRA, F.S.V.T.; BUCARETCHI, F.; STEPHAN, C.; CORDEIRO, R.; *Automedicação em crianças e adolescentes*. Jornal de pediatria, vol. 83, nº5, pp. 453-458. Brasil, 2007.
- PESSOA, D. L. R.; CARTÁGENES, M. S. S.; *Informações disponíveis na internet sobre automedicação*. Enciclopédia Biosfera. Centro científico Reconhecer, v. 6, n. 11, p. 1-8. Goiânia, 2010.
- ROZENFELD, S.; *Prevalência, fatores associados e mau uso de medicamentos entre idosos: uma revisão*. Caderno de Saúde Pública, v. 19, n.3, Rio de Janeiro, 2003.
- SILVA, L. V. E. R.; JÚNIOR, J. F. de M.; MION, O.; *Avaliação das informações sobre rinite alérgica em sites brasileiros na rede mundial de computadores (Internet)*. Revista brasileira de otorrinolaringologia. v.71, n.5, pp.590-7, set/out 2005.



- SOUZA, C. H. M. de. *Comunicação, Educação e Novas Tecnologias*. Rio de Janeiro: FAFIC, 2004.
- SOUZA, J. F. R. de; MARINHO, C. L. C.; GUILAM, M. C. R.; *Consumo de medicamentos e internet: análise crítica de uma comunidade virtual*. Revista Associação Médica Brasileira, vol. 54, nº3, pp. 225-231. Brasil, 2008.
- VIDOTTI, C. C. F.; HOEFLER, R.; SILVA, E. V.; MENDES-BERGSTEN, G. *Sistema Brasileiro de Informação Sobre Medicamentos – SISMED*. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16(4):1121-1126, out-dez, 2000.
- ZIMMERMANN, I. R. *Centro de Informações Sobre Medicamentos: Necessidade de Implantação em Instituições de Saúde*. Florianópolis, 2007.